

Mídia
Data
Evento
Página

Web
21 de novembro de 2025
Pinturas Nômades
<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/09/21/beatriz-milhazes-abre-individual-na-casa-roberto-marinho-primeira-numa-instituicao-carioca-em-12-anos.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

O Globo
Nelson Gobbi
Beatriz Milhazes

Cultura

Beatriz Milhazes abre individual na Casa Roberto Marinho, primeira numa instituição carioca em 12 anos

Além de pinturas, gravuras, desenhos, tapeçaria e escultura, artista destaca em 'Pinturas nômades' suas obras públicas, produzidas desde 2004

Por Nelson Gobbi

21/09/2025 03h30 · Atualizado há um dia



Beatriz Milhazes na Casa Roberto Marinho — Foto: Leo Martins

Mídia
Data
Evento
Página

Web
21 de novembro de 2025
Pinturas Nômades
<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/09/21/beatriz-milhazes-abre-individual-na-casa-roberto-marinho-primeira-numa-instituicao-carioca-em-12-anos.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

O Globo
Nelson Gobbi
Beatriz Milhazes
beatriz-milhazes-abre-individual-na-casa-roberto-marinho-primeira-numa-

Expoente da chamada Geração 80 e entre os nomes da arte brasileira mais reconhecidos (e valorizados) no exterior, **Beatriz Milhazes** criou uma das assinaturas mais fortes da produção contemporânea, com a indefectível geometria criada por arabescos, flores, mandalas, em linguagens como a pintura, a gravura, o desenho e as instalações. Nas quatro décadas de carreira, contudo, outra faceta de seu trabalho, as obras públicas, permaneciam menos populares, ainda que desenvolvidas há 21 anos.

Em sua primeira individual institucional no Rio, sua cidade natal, em 12 anos (a última foi em 2013, no Paço Imperial), Beatriz destaca, em “Pinturas nômades”, na Casa Roberto Marinho, a produção em grande escala criada para espaços como a Tate Modern e a estação de metrô Gloucester Road, na Inglaterra (2005); a Pinacoteca de São Paulo (2007); o prédio da Fundação Cartier, em Paris (2009); a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (2011); a Ilha de Inujima, em Okinawa (Japão, 2017); a Ópera de Viena, na Áustria (2021); e o Long Museum, em Xangai (2021). Com curadoria do diretor da CRM, Lauro Cavalcanti, a mostra, que será inaugurada nesta quinta-feira, deu à artista a oportunidade de desenvolver para as janelas do térreo um projeto em vinil colorido recortado, “Corumbê”, em processo semelhante ao da maioria das outras instituições, relacionado às colagens e sobreposições de camadas características de sua produção pictórica.

— A princípio, mostraríamos os projetos anteriores, mas não tinha pensado em nada específico para cá. Só quando vi essa sala livre, durante a montagem do Ascânio (***MMM, inaugurada no local em dezembro de 2024***), é que percebi os arcos das janelas e a abertura para o jardim, e que poderia trabalhar com a questão da luz — conta a artista, de 65 anos. — Conhecia o espaço desde quando era uma residência, mas agora imaginei as janelas como vitrais, transformando a sala em um ambiente de reflexão, meditação, com a referência do jardim do Burle Marx no exterior.

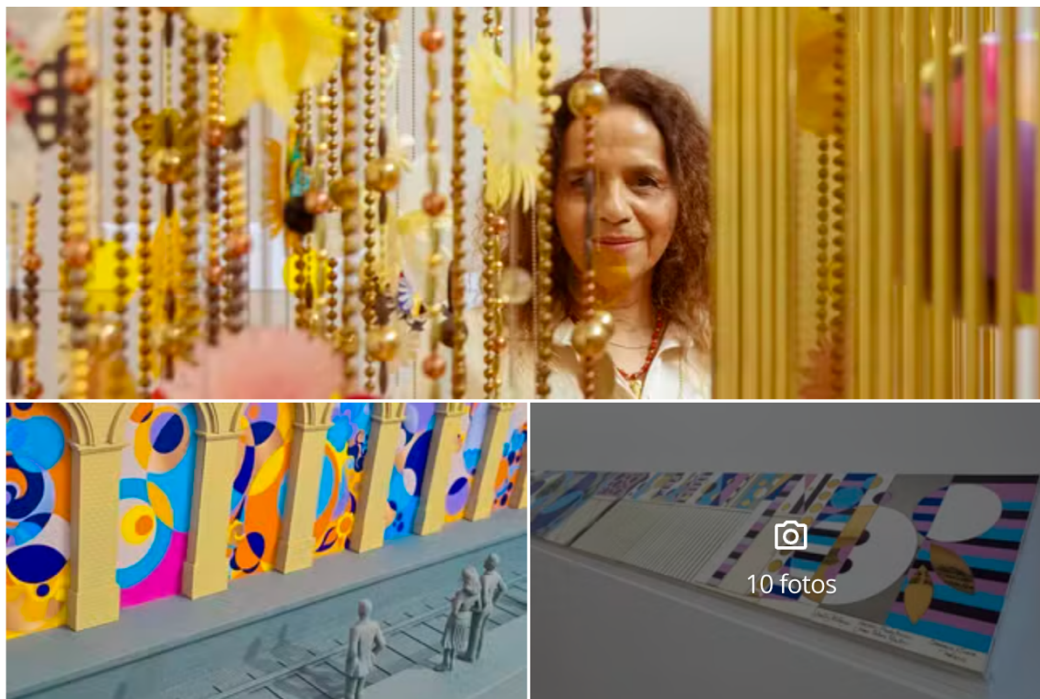
Mídia
Data
Evento
Página

Web
21 de novembro de 2025
Pinturas Nômades
<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/09/21/beatriz-milhazes-abre-individual-na-casa-roberto-marinho-primeira-numa-instituicao-carioca-em-12-anos.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

O Globo
Nelson Gobbi
Beatriz Milhazes

Veja obras de Beatriz Milhazes na mostra 'Pinturas nômades'



Individual fica em cartaz na Casa Roberto Marinho até março de 2026

Assim como em seu primeiro projeto de obra pública, “Gávea” (2004), para a loja Selfridges & Co., em Manchester, na Inglaterra, Beatriz segue trabalhando com recortes de vinil em vez de ampliações únicas, em grande escala, para adesivar as superfícies em vidro. A partir da referência de desenhos em lápis de cor e tinta, as partes coloridas são criadas em separado e a composição é feita no espaço — há duas décadas, a artista trabalhava com uma equipe londrina, até a designer da mostra, Sula Danowski, conseguir profissionais locais que atingissem o mesmo resultado. O título “Corumbê” é tirado da praia de mesmo nome em Paraty (RJ), cidade de origem da família materna da pintora e onde Djanira (1914-1979), uma de suas referências, também viveu. Como nas demais individuais da CRM, Beatriz selecionou obras do acervo local para dialogar com sua produção, reservando uma sala para telas de Djanira e reunindo obras de fundo religioso assinadas por nomes como Mestre Valentim, Rosina Becker do Vale, Portinari e Rubem Valentim.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
21 de novembro de 2025
Pinturas Nômades
<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/09/21/beatriz-milhazes-abre-individual-na-casa-roberto-marinho-primeira-numa-instituicao-carioca-em-12-anos.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

O Globo
Nelson Gobbi
Beatriz Milhazes

— Na relação com essas obras tem muita coisa importante para o meu trabalho, como a espiritualidade, a influência do barroco e de vários desses artistas que, até pouco tempo atrás, não eram colocados no mesmo patamar dos artistas contemporâneos — aponta Beatriz, que, como muitos colegas, despontou após a coletiva **“Como vai você, Geração 80?”**, de 1984, na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage. — Tudo contribuiu para a brasilidade, a partir do meu contexto no Rio, que vai estruturar o pensamento construtivo geométrico na base do meu trabalho. Uma coisa que não existia quando comecei, ainda mais internacionalmente, hoje reconhecida depois de um um caminho bem longo, de seriedade, que mostrou que não estava brincando.



'Corumbê', criado para as janelas da Casa Roberto Marinho, tem título inspirado em praia de Paraty — Foto: Leo Martins

Mídia
Data
Evento
Página

Web
21 de novembro de 2025
Pinturas Nômades
<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/09/21/beatriz-milhazes-abre-individual-na-casa-roberto-marinho-primeira-numa-instituicao-carioca-em-12-anos.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

O Globo
Nelson Gobbi
Beatriz Milhazes

A mostra também reúne obras de diferentes fases da artista, como pinturas, gravuras, desenhos e a escultura suspensa “Mariola” (2010–2015). No andar superior, uma das salas retoma seu projeto para a 60ª Bienal de Arte de Veneza, em 2024 (em sua volta à mostra, depois de 2003), com trabalhos como as telas “O céu, as estrelas e o bailado” e “Meia-noite, meio-dia” (ambas de 2023) em volta da mesa de tecidos de seu acervo pessoal, de diferentes regiões do mundo, como foi montada no Pavilhão das Artes Aplicadas da cidade italiana. Também é exibida na sala a tapeçaria inédita “Dance in yellow” (2020), fruto da produção têxtil a que a artista vem se dedicando recentemente.

Junto dos 17 projetos de obras públicas de Beatriz — incluindo “O coreto da praça”, criado para a 18ª Bienal de Arquitetura de Veneza (2023), mas ainda não executado — a exposição traz desenhos preparatórios e testes de materiais (de aplicações de vinis em vidro ao painel de cerâmica desenvolvido para os mosaicos permanentes do Hospital Presbiteriano de Nova York), além de maquetes dos locais onde os trabalhos foram montados. Arquiteto de formação, o curador Lauro Cavalcanti reforça que a ideia é levar aos visitantes cada etapa do processo para o desenvolvimento das obras públicas.

— A ideia era evitar uma exposição tradicional de arquitetura, com vista, planta baixa, escala. As maquetes entram para ajudar a visualização do público de como cada obra foi montada, até porque apenas quatro delas são permanentes — destaca Cavalcanti, que era o diretor do Paço Imperial quando a artista fez sua individual de 2013. — Queríamos mostrar essa parte importante da produção da Beatriz, que trabalhou em cinco prédios de ganhadores do Pritzker (*maior prêmio da arquitetura mundial*). E para a casa foi importante para se colocar também com uma produtora de obras, com uma mostra que foi além da organização e curadoria.

Durante a programação de “Pinturas nômades”, em cartaz até 15 de março de 2026 (cobrindo todo o período de férias escolares), estão previstas apresentações no local da Marcia Milhazes Cia de Dança, grupo criado pela irmã coreógrafa da pintora, ainda sem datas definidas. Para Beatriz, que esteve em cartaz até domingo passado no Guggenheim de Nova York com a individual “Rigor e beleza”, a primeira de uma artista contemporânea brasileira no museu, a exposição reforça a artesanania presente por trás de obras vistas em exposições e intervenções em espaços arquitetônicos pelo mundo.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
21 de novembro de 2025
Pinturas Nômades
<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/09/21/beatriz-milhazes-abre-individual-na-casa-roberto-marinho-primeira-numa-instituicao-carioca-em-12-anos.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

O Globo
Nelson Gobbi
Beatriz Milhazes

— Claro que na execução eu conto com o trabalho dos colaboradores, mas tudo tem início na manualidade, no desenho, nos testes de cor. O meu ateliê tem um quê de laboratório — reforça Beatriz, que há anos trabalha apenas com um assistente. — Sou uma defensora do fazer humano, do contato corporal, físico, durante o processo. Por uma questão de mercado, passou-se a considerar uma coisa arte e outra artesanato, categorias que hoje vêm caindo. Mas, no fundo, somos todos artistas.